

## INGLESES NO PORTO SETECENTISTA E PROSELITISMO CATÓLICO

Geraldo J. Amadeu Coelho Dias

e

Maria Isabel Rodrigues Ferreira

### I - ANTECEDENTES MEDIEVAIS

No contexto e configuração diacrônica das relações luso-britânicas, o Porto exerceu, desde a Idade Média, um papel catalizador. Por isso, se não interessa aqui descrever as principais datas e os mais significativos momentos em que o Porto contribuiu para a consolidação da Aliança de Portugal com a Inglaterra, vale, todavia, a pena sumariá-los neste momento. Eles cimentaram o patamar sobre o qual se pôde edificar, em 1386, o Tratado de Windsor, marco de indesmentível valia para as relações dos dois países.

Procuraremos, pois, tão somente e de forma ligeira, recordar aquilo que alguém classificou de "as seculares relações da cidade do Porto com a Inglaterra" (1), e que não começaram, como poderia pensar-se, com a exploração inglesa do vinho do Porto, mas já vêm dos primórdios da nossa nacionalidade.

De facto, no Verão de 1147, a palavra de D. Pedro Pitões, bispo do Porto, conseguiu, em nome da religião católica e como verdadeira cruzada de fé, segundo relata a carta de Osberno (2), convencer a esquadra de cruzados ingleses e nórdicos, ancorada no Douro, a ajudar o nosso rei D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos Mouros. Era o primeiro lança do relacionamento amigável entre portugueses e ingleses, premonitório de toda uma longa teoria de tratados defensivos e ofensivos. E a cidade do Porto havia de ser um eixo nodal e privilegiado para sucessivos acordos também comerciais que culminariam na secular aliança político-militar luso-inglesa.

Em 25/VII/1352, barcos saídos do Douro demandam as costas da Grã-Bretanha. Logo depois, a 20/X/1353, Afonso Martins Alho, que chegaria a procurador do Conselho do Porto, 1356, celebrava com o rei Eduardo III, em nome dos navegadores e mercadores portugueses, um tratado de comércio e pesca. Em seguida, em 1372 e 1373, surgem os tratados político-militares (Tagilde, 10/VII/1372, sobretudo) de que o de Windsor (9/V/1386) havia de ser um marco seguro, ao mesmo tempo que garantia o casamento do nosso rei D. João I com Dona Filipa, filha do duque de Lencastre.

Na crise de 1383-1385, do Porto saíria um barinel para trazer ingleses que ajudassem à defesa da cidade e da terra contra as investidas dos castelhanos. E nas Cortes de Évora, 1436, os procuradores do Porto ainda lembravam aos representantes da nação como "tiveram estes ingleses muito tempo consigo, pagando-lhes grande soldo".

Certo é também que em 2/II/1387 a cidade do Porto se engalanava a primor para celebrar as bodas matrimoniais de D. João I e Dona Filipa de Lencastre (3). É por este tempo precisamente que a história lendária, bem elaborada por Camões nos Lusíadas (4), coloca o célebre torneio dos Doze de Inglaterra, patrocinado por D. João de Gaunt, duque de Lencastre, e em que saíram vencedores os cavaleiros portugueses, partidos do Porto, os célebres Magriços. Como Fernão Lopes ao descrever os festejos por ocasião do casamento real não deixa de falar de justas e torneios "de grandes fidalgos e cavaleiros que bem o sabiam fazer", pode perfeitamente ter-se originado daqui a celebrada história lendária dos Doze de Inglaterra, segundo o alvitre de Jorge Campos Tavares (5).

Talvez que ainda na sequência deste casamento se explique a presença de comerciantes ingleses no Porto, como Arnaldo Monday que tanto se empenhou pela conquista de Ceuta em 1415.

Nos nossos dias, o historiador inglês Peter Russell (6) inventariou o número e o nome de estudantes portugueses que nos séculos XIII-XIV frequentaram a universidade de Oxford, uma das mais prestigiadas da Idade Média. Bom será saber-se que a própria Câmara do Porto, segundo os Livros de Vereações, subsidiou estudantes portugueses em Inglaterra, como o religioso dominicano Fr. Pedro

que queria estudar Teologia em Oxônia (1394, Abril, 14), e Fr.Vasco Gil (1402, Maio, 13) (7). Entretanto, na reunião camarária do Porto (1402, Janeiro, 24) Diogo Afonso, mercador do Porto, perante os cidadãos e vizinhos da cidade dava conta das negociações que fizera em Inglaterra para cumprimento e alargamento de acordos anteriores e da "letra de privilégio" que obtivera para que, ali, os mercadores do Porto não pagassem outros direitos de suas mercadorias, além dos costumados (8).

Com estas referências todas, longe de nós a ideia de nos tornarmos fastidiosos repetidores de glórias passadas. Pretendemos, sim, e sem chauvinismos bairristas, fazer notar como já antes do aparecimento e valorização do precioso néctar do vinho do Porto, a cidade do Porto era a cidade portuguesa que mais se ufanava do estreitamento das relações de Portugal com a Inglaterra. Por isso, aí fica, como introdução ao nosso trabalho, essa série de datas e factos que consideramos patamares de consolidação da estrutura da Aliança Luso-Britânica.

## II - O PERÍODO SETECENTISTA

Chegando-nos ao período Setecentista, desde já podemos dizer que, na realidade, a descoberta do vinho do Douro, exportado a partir do Porto, provocou um salto quantitativo e qualitativo da presença de ingleses no Porto. Isso torna-se evidente a partir de 1703 com o Tratado de Methuen (9). Foram então os ingleses que valorizaram e chamaram ao vinho da região do Alto Douro, fino e de benefício, *Vinho do Porto*, porquanto os registos das firmas portuguesas, ao tempo, lhe chamavam até, simplesmente, *Vinho da Feitoria* (10). Mas o alargamento da comunidade inglesa no Porto começou a processar-se após a chegada ao Porto do 1.º Consul inglês, Walter Maynard, em 1659. De resto, em 1669, Cosme de Medicis apontava no Porto apenas a existência de 9 firmas inglesas, cuja maioria não se dedicava ao comércio do vinho (11).

Em 1682, porém, já chegava o primeiro capelão religioso da "ecclesia anglicana", porquanto, apesar da Santa Inquisição e todo o seu controle no campo espiritual, os reis de Portugal ti-

nham concedido às feitorias inglesas de Lisboa e Porto, alguns privilégios, um dos quais certamente singular num país católico do Antigo Regime, qual era o de poderem praticar a religião anglicana, protestante.

Só depois de 1704, segundo o relato de Tomás Woodmass(12), é que os ingleses, aqui, se viraram decididamente para a exploração e comércio do vinho, e em 1727 já se organizavam em Associação de Exportadores de Vinho. Em 1756, ao criar-se a *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, o comércio vinícola mais lucrativo era com a Inglaterra e "estava firme nas mãos de trinta e duas famílias inglesas estabelecidas no Porto"(13). Como a América do Norte (E.U.A., hoje) eram uma colônia inglesa, os comerciantes ingleses iam lá buscar mão de obra, e isso ajuda a compreender o grande movimento de baptizados e casamentos no período de 1716 a 1787, como se pode ver na documentação da Feitoria do Porto (14).

No plano cultural, depois da segunda metade do século XVIII, dentro do projecto iluminista e da reforma do ensino elaborada pelo Marquês de Pombal (1761), dois irlandeses do reino de Inglaterra, ambos católicos, vieram para o Porto ensinar nas áreas da sua especialidade. Thomas Delany ensinou grego no colégio de S. Lourenço e John Diwyer leccionou latim, matemática e álgebra. Contudo, é bem certo que as relações culturais de Portugal com a Inglaterra, no Porto, nunca foram tão vastas e profundas como as comerciais e militares. Mas o século XVIII, o Setecentismo, é a arrancada do período áureo dos ingleses no Porto, que tanto marcaram a nossa cidade do ponto de vista comercial e artístico e, aqui, se tornaram assinalados por meio de algumas famílias, bem representativas do inglês paradigmático que, ao longo dos tempos, se impôs nas tertúlias da fina sociedade tripeira. Mas, ao lado do "gentleman" inglês que deixou rasto na vida do Porto, aqui apareceram também muitos ingleses anónimos cujos nomes não ficaram registados nos documentos da Feitoria. É, na grande maioria, gente humilde, em serviço nos barcos comerciais, cujos nomes fomos descobrir nos livros de registo paroquial das freguesias católicas do Porto, e que, até agora, não tinham atraído a atenção dos estudiosos nem sequer

dos mais interessados pela demografia. É sobre eles que vamos, pois, centrar a nossa atenção por uns momentos.

### III - A DIVISÃO PAROQUIAL DO PORTO E OS LIVROS DE REGISTOS

Depois do "recenseamento dos fogos" por D. João III em 1527/31, o Porto cotava-se como a segunda cidade do Reino, ultrapassando Évora. Contava, então, 3.006 fogos, cerca de 12.000 habitantes, e nunca mais pararia de crescer. Movido pela reforma teológico-pastoral do Concílio de Trento (1545-1563), o bispo do Porto, D. Frei Marcos de Lisboa (1582-1591) reconhecia que, de facto, o quantitativo populacional, de cerca de 20 000 almas, se tornava incomportável para a cura apostólica dum só pároco. Dada a relativa abundância de clero, fez a primeira divisão administrativo-ecclesiástica da cidade do Porto e, por Decreto episcopal de 7/VII/1583, dividia a paróquia de Nossa Senhora da Assunção da Sé em 4 paróquias: Nossa Senhora da Assunção da Sé, São Nicolau, Nossa Senhora da Vitória e São João Baptista de Belmonte ou São João Novo (16). Todas estas paróquias se situavam dentro do perímetro das velhas muralhas fernandinas reparadas por D. João I. Pouco depois, considerando-se a pequenês da paróquia de Belmonte, esta foi extinta em 1604 e o seu território atribuído às de S. Nicolau e Vitória, até que, pouco depois, a cidade começou a extravasar para fora de muros.

É sabido que, para os cristãos em geral, o Baptismo é o rito primeiro e iniciático da sua religião, aquele pelo qual os crentes se inserem espiritualmente nos mistérios da salvação de Jesus Cristo (Epístola aos Romanos, 6,3-4). Contudo, este sacramento é também a porta de entrada na Igreja visível e, portanto, para cada grupo cristão, um rito de grande alcance jurídico-social que configura e destingue confessionalmente uma igreja. No séc. XVI, dado que o Protestantismo manteve o valor deste sacramento iniciático, a Igreja Católica quis marcar a sua diferença e, através das normas emanadas do Concílio de Trento, rodeou a celebração do Baptismo de cuidados rituais e exigências pastorais. Para além de definir a doutrina da sacramentalidade, regula ainda as normas de va-

validade e liceidade da sua administração, de modo que o baptizado se reconhecesse pessoa na Igreja com todos os direitos e deveres dos outros cristãos.

A teologia católica afirmava desde então a irrepetibilidade do Baptismo, enquanto sacramento que imprime carácter, e reconhecia a validade do Baptismo mesmo administrado nas igrejas reformadas ou protestantes. Só que, para salvaguardar a integridade do rito e a sua conformidade com a intenção da Igreja face ao que Jesus mandara (Mateus, 28, 20), a Igreja Católica determinou que os já baptizados em qualquer seita cristã fossem re-baptizados *sub conditione* ao converterem-se ao catolicismo. Com esse rito supletório sublinhava-se, no foro externo e jurídico, o carácter visível e proselitista do Baptismo, enquanto rito externo de agregação à Igreja Católica, confessionalmente considerada no contexto das igrejas protestantes e anglicanas.

Dentro desta doutrina teológico-jurídica, com a cristandade ocidental dividida em dois grandes blocos cristãos (católicos - protestantes/anglicanos), começou-se a divulgar a prática de registar os baptismos, como que para fazer a contagem e a destrinça. Por isso, o Concílio de Trento, na sua 24ª sessão *De Reformatione Matrimonii*, cap. I, II (11/XI/1563) universalizava a obrigatoriedade do registo de Baptismos e casamentos, à qual o *Rituale Romanum* de Paulo V, em 1617, acrescentava o registo de óbitos. Portugal conheceu esta prática ainda antes da determinação tridentina: 1536 em Lisboa, 1538 em Braga, 1541 no Porto. Pode imaginar-se o valor quantitativo desses documentos, aparentemente rotineiros e formalísticos, quer como auxiliares preciosos do levantamento demográfico, sabido que o primeiro recenseamento oficial português é só de 1864, quer como espelho da sociedade portuguesa. Por eles pode-se, efectivamente, reconstruir o tecido estrutural da sociedade antiga com suas classes e profissões, refazer as genealogias familiares, provar os casos de filiação legítima ou ilegítima, demonstrar os fenómenos migratórios externos e internos, constatar a significatividade da onomástica, apontar a variedade toponímica de terras e ruas, e até, descobrir as mudanças de atitude religiosa, sobretudo de estrangeiros que entre nós se vieram fixar, e qual a

pressão ou influência do proselitismo católico sobre eles.

É este o ponto fulcral desta comunicação: detectar os ingleses que entre nós se fixaram no séc. XVIII, sabendo-se que com o rei Henrique VIII, em 1531, a Inglaterra se separou do catolicismo romano formando a *ecclesia anglicana*, o Anglicanismo, tantas vezes, nos registos paroquiais pura e simplesmente identificado com o protestantismo. De facto, em 1534, pelo Acto de Supremacia, o Parlamento Inglês confirmaria a autonomia da Igreja Nacional Inglesa.

#### IV - BAPTISMO DE INGLESES PROTESTANTES

Em Portugal, os Arquivos Distritais (decreto-lei de 27/VII/1931) são os lugares de conservação dos acervos documentais ligados aos registos paroquiais. Com efeito, após a implantação da República e a Lei da Separação, uma lei de Fevereiro de 1911 determinou o registo civil obrigatório de nascimentos, casamentos e óbitos, e mandou arrolar nas conservatórias do registo civil todos os livros de registo paroquial anteriores a 1910.

No Arquivo Distrital do Porto fomos, por conseguinte, procurar os registos de baptismo das paróquias da cidade (intra-muros) desde 1583 a 1800. Pesquisámos um por um todos os Baptismos de estrangeiros "protestantes", no caso vertente com particular atenção aos ingleses. Daf resultou um total de 42 casos de baptismo de 1583 a 1800.

Na Sé, com 10 baptismos de ingleses "protestantes", o primeiro aparece em 1741 e o último em 1755.

Em São Nicolau, com 15, o primeiro é em 1683 e o último em 1783.

Na Vitória, com 17, o primeiro surge em 1749 e o último em 1794 (17).

Os ingleses constituem a maioria dos protestantes estrangeiros aqui baptizados. Só na freguesia da Vitória, num total de 24 estrangeiros, 17 são ingleses, isto é 70,8%. Todos os neófitos são indicados como tendo abjurado ora a seita de Lutero, ora a de Calvino, ou dados como protestantes. Por mais que sejam de proveniê-

cia inglesa, "nação ânglica", nunca se fala de anglicanismo. Parece, pois, dever concluir-se que o anglicanismo é simplesmente confundido com protestantismo.

Na generalidade dos casos refere-se a intervenção ou licença do Santo Ofício ou do bispo local, o que é juridicamente compreensível, pois o Baptismo era um rito proselitista, administrado *sub-conditione* e pressupunha a instrução na correcta doutrina católica com a conseqüente abjuração das doutrinas respectivas. Por isso mesmo é que este tipo de Baptismo é, prevalentemente e de modo quase absoluto, conferido a adultos. Para tal, basta conferir o gráfico das idades indicadas em 22 casos, 15 homens e 7 mulheres, porquanto nos outros 20, não se indica a idade; apenas como excepção o caso duma criança de 7 dias, filha de mãe protestante; a este se pode adjuntar também o dum menino de 5/6 anos, filho ilegítimo dum português e duma inglesa, o qual o pai conseguiu trazer para cá fazendo-o baptizar em simultâneo com uma senhora inglesa protestante que acabou por desposar. Quanto ao mais, os baptismos são administrados entre os 14/15 anos e os 43, como se pode ver no quadro nº.1. Os nomes dados no momento do Baptismo são bíblicos e do santoral cristão. Dois na Vitória, mudaram de nome: o José, que antes se chamava Ricardo Willson, e o Joaquim, que antes se chamava George Deg. Na Sê, só um mudou: o João Nixon que tomou o nome de João Tomãs de São Domingos, sem dúvida em homenagem ao prior do convento de S. Domingos, Frei João Tomãs, que o baptizou.

Os apelidos de família nem sempre são apontados e alguns estão escritos conforme soava ao ouvido. Quase sempre se faz menção dos nomes dos pais e avós paternos e maternos. Não aparecem sobrenomes das grandes famílias protestantes cá radicadas e ligadas ao comércio do vinho do Porto.

Quanto à naturalidade, temos o seguinte quadro: 11 de Londres, 6 de Inglaterra, sem qualquer outra determinação, 2 do ducado de Devonshire, 2 de Bristol, 2 de Yorkshire e, depois, um leque variado de terras cuja escrita nem sempre foi possível identificar correctamente: Carlisle, Cherdin, Croydon, Endon, Islon, Paool, Stanny, Toram, Towenton, Escôcia e Gales.

Infelizmente nunca se indica a profissão, o que seria precioso para aquilatar da condição social destes ingleses converti-



dos; mas, quer-nos parecer que em nenhum dos casos estamos perante gente de alta condição.

Do ponto de vista cronológico, trabalhando as datas colhidas, salta à vista que o período do governo do Marquês de Pombal (1750-1777) é o que apresenta maior número e percentagem de Baptismos: 19 no arco cronológico de 27 anos que se estende de 1750 e 1777, ou seja 45% do total. Registe-se, para comparação, que de 1683 a 1749, em 66 anos, sô houve 10 Baptismos, ou seja 23,8%, e de 1778 a 1794, em 16 anos, houve 11 Baptismos, ou seja 26%.

Resulta, portanto, que é no governo do Marquês de Pombal, quando houve uma certa inquietação econômica entre os negociantes ingleses do vinho do Porto por causa da criação da Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro (1756), que parece ter havido mais Baptismos. Como que aproveitando a ocasião de os "heréticos" ingleses andarem preocupados com seus negócios materiais, os católicos portugueses parece terem desenvolvido uma certa acção missionária e proselitista sobre os ingleses "anónimos" que pairavam pela zona portuária ribeirinha da cidade. É certo que, como com alguma simplicidade confessa Rose Macaulay, em Portugal "nas cidades o povo não insultava os ingleses pela sua religião, porque elles eram um povo humano e o seu governo tinha proibido o tratamento violento dos estrangeiros" (18). Todavia entre os católicos ferrenhos e legalistas perseverava a ideia de que os ingleses eram hereges, protestantes, luteranos, calvinistas, cismáticos e excomungados. Nada de admirar, por conseguinte, que, em circunstâncias favoráveis, apesar da tolerância das leis se tentasse atrair para o catolicismo romano os ingleses que eram, por assim dizer, marginais aos grandes interesses do comércio. Então Portugal, que fazia missionação ao longe, segundo o lema do nosso Épico "Muito façais na Santa Crisandade", não havia de atender aos tresmalhados que vinham até cá para os meter nos "currais da Santa Igreja" como dizia Zurara?

Nas actas do Baptismo aparece, de facto, uma subtil e bem montada pressão psicológica, proselitista. Quase sempre o Baptismo destes convertidos é apadrinhado por membros do alto clero, da nobreza e do comércio. Na realidade, entre os padrinhos contam-se o

Abade da Sé, com o bispo D. Frei José Maria da Fonseca Évora (1744) a ministrante, o Arcipreste e Provisor do Bispado, o Deão, o Tesoureiro mor do Cabido, cônegos, o Sargento mor, o capitão de cavalaria dos dragões de Aveiro, o Conde de Redondo, o Desembargador, o Juiz da alfândega, cavaleiros professos da Ordem de Cristo; ricos mercadores como Pedro Enque, Pedro Sem, Manuel Figueiroa, etc.

Entre as madrinhas distinguem-se a esposa do Morgado de Mateus, a de João de Almada e Melo (1758), governador de Armas da cidade, a de Pedro Sem e outras, e até uma religiosa beneditina do Convento da Avé Maria, e uma religiosa franciscana do Convento da Madre de Deus de Monchique. E, para tornar mais relevante o cortejo de assistentes a estes actos que deviam ser constados, até se registam testemunhas de relevo social.

Por todo este vistoso *modus faciendi* se vê como estes Baptismos, esporádicos, eram uma espécie de montagem social e religiosa para causar impacto e servir de chamariz a outros ingleses "hereges".

Para além disto, a nota proselitista confirma-se pela presença sistemática de religiosos estrangeiros, sobretudo ingleses, de três congregações particularmente notáveis pela sua acção pastoral aberta e influente: os eremitas de Santo Agostinho do Convento de São João Novo, os franciscanos do Convento de São Francisco e os oratorianos do Convento de São Filipe Néri do Porto.

Dentre esses religiosos estrangeiros sobressaiem pela sua acção proselitista:

- Pe. Frei Henrique Dillon, certamente inglês, que está ligado à conversão de 16 protestantes na zona da Vitória. Chegou a ser padre sacristão do convento dos eremitas de Santo Agostinho de São João Novo. De 1758 a 1790 aparece como uma espécie de apóstolo dos hereges nórdicos, educando-os na fé católica, recebendo-lhes a abjuração de protestantismo, administrando ou testemunhando o baptismo. Por esse motivo, muitos dos baptismos da área da Vitória foram administrados na igreja do seu convento, assinando ele a respectiva acta, quer como ministrante quer como testemunha.

- Pe. Mestre Frei Francisco Relli, do convento de S. Francisco, está ligado a 2 baptismos na paróquia de São Nicolau. Note-se que na área desta freguesia alguns baptismos foram conferidos

na capela de São Francisco de Borja, hoje desaparecida.

Os Padres oratorianos estrangeiros metidos no apostolado para a conversão de protestantes são três:

- *Pe. Pedro Brettin* que veio de Hamburgo, donde era natural, e entrou no convento do oratório do Porto a 2/VIII/1723, com 18 anos, depois de estar aqui 4 anos. Nessa altura reconciliou-se com a fé católica, o que prova que também ele era um convertido. Professou no convento em 1724 e morre em 1778 (19). Está associado ao baptismo de 2 protestantes ingleses na Vitória e na Sé.

- *Pe. Gabriel Talbott* era irlandês da vila de Baltinegone, fez-se oratoriano no Porto em 1704. Apenas se regista um baptizado feito por ele na Sé (20).

*Pe. João Butler*, natural de Oxford, filho de Gualter Butler e Leonesa Talbot, é, certamente, parente, pela mãe, do Pe. Gabriel Talbot. Entrou na congregação do Oratório do Porto em 1735, professou em 1736 e faleceu em 2/I/1766 (21). Teve a coragem de criticar o Marquês de Pombal que, com a Companhia, prejudicava os comerciantes ingleses, e tem o seu nome associado à conversão e baptismo de 3 hereges de "nação anglica" em São Nicolau. De resto, a paróquia de São Nicolau é a que está mais em foco nestes casos, e compreende-se. Ela abrangia o centro comercial do Porto que, na praça da Ribeira, tinha o seu principal cais de embarque. É, por isso, em São Nicolau que se regista o primeiro baptismo de conversão em 1683. Aí, pelos Guindais, Reboleira, R. da Ourivesaria, R. de S. Nicolau hospedavam-se como ocasionais "assistentes" muitos destes ingleses, marginais à feitoria, trabalhando ao serviço do comércio e exportação do vinho do Porto. Em concreto, porém, os livros não registam o seu tipo de trabalho.

O Porto Setecentista conheceu, indubitavelmente, uma animada presença de comerciantes ingleses aos quais se deve a promoção internacional do nosso vinho do Porto. Já a Bíblia dizia que "o vinho alegra o coração do homem". Assim se compreende que, por causa dele, ao lado dos grandes comerciantes ingleses à procura da mais valia económica, apareçam sacerdotes católicos ingleses a tentar ganhar, proselitisticamente, para Cristo as almas dos seus conterrâneos, talvez menos bafejados pela fortuna. É isso que explica a curiosa descoberta dos baptizados católicos de ingleses conversos no Porto Setecentista.

QUADRO Nº. 1 : BAPTISMO DE INGLESES, A.D. PORTO

FREGUESIA DA S <sup>E</sup> - 1741-1755 : 10				
NOME	DATA	PROVENIÊNCIA	IDADE	LOC. BIBLIO
Anna Sara	06/04/1741	Londres		B17-fols.185,185v.
João	29/09/1744	Toram		B19-fol.59 v.
Thomaz	29/09/1744	Londres		B19-fol.59 v.
João Quinze	11/06/1745	Londres		B19-fol.95 v.
João Juson	19/09/1745	Londres		B19-fols.108,108v.
Maria	20/06/1751	Londres		B19-fol.413 v.
Marianna Costuarda	01/10/1754	Londres		B21-fol.130
João Bernarde	01/10/1754	a)		B21-fol.130
Thomas Martins	22/11/1754	Ilom	30	B21-fols.139v.140
João Nixon b)	06/03/1755	Carslili	16	B21-fol.158v.
FREGUESIA DE S. NICOLAU - 1683-1783 : 15				
Pedro	18/05/1683			M4-fol.79v.
João Rodrigues	27/07/1713	Gales		B3-fol.9
Michaela	10/03/1716	Inglaterra		B3-fols.53,53v.
Francisco	19/08/1716	Inglaterra		B3-fol.60
Maria Preston	22/07/1756	Londres	23/24	B5-fols.428,428v.
Cristovão	16/10/1757			B6-fol.51v.

Maria	07/08/1758	Inglaterra	15/16	B6-fols.86,86v.
Barbara Vallette	18/08/1758	Yorkshire	24	B6-fols.88,88v.
Roberto Vard	15/12/1760	Sofoc	21	B6-fols.214,215v.
Maria Diamante	06/04/1761	Devenshire	26	B6-fols.219,219v.
Isabel Macidon	16/10/1776	Endon	24	B9-fols.49,49v.
Antônio	16/10/1776	Londres	5/6	B9-fols.49v.,50
Francisca Doavette	17/06/1778	Bristol	25/30	B9-fols.138v.,139
Thomaz Roiz	06/12/1783	Escôcia	14/15	B10-fols.108,108v.
Anna Keating	20/05/1790		27	B11-fols.83,83v.
=====				
FREGUESIA DA VITÓRIA - 1749-1794 : 17				
=====				
Samuel Castridge	24/03/1749	Devenshire	27	B2-fol.8v.
João da Cruz Moet	07/05/1758	Londres	43	B2-fol.169
George Gilbert	21/08/1758	Croidon	24	B2-fol.175v.
Rodrigo Scriech	13/04/1760	Towenten	21	B2-fol.211v.
Maria	05/01/1766	Inglaterra	17/18	B3-fol.31v.
Thomaz Carter	21/04/1767	Stanny		B3-fol.55v.
José b)	29/05/1766	York		B3-fol.125v.
Joaquim b)	29/05/1766	Cherdim		B3-fol.126

Matheus Bell	19/05/1780	Londres		B3-fols.267v.,268
João	05/09/1785	Inglaterra		M5-fo1.13v.
Tonzend Wettenthal	07/06/1782	Londres		M5-fols.69v.,70
José	09/05/1787	Paool	25	M6-fo1.20
Margarida Moore	09/07/1787	Inglaterra	26	M6-fo1.27v.
Henrique Gode	25/03/1788		17	M6-fo1.45v.
Isabel Nillians	18/05/1788	Bristol		M6-fo1.53
Roberto Freeman	16/05/1790	Hamilton		M6-fo1.104
Thomaz	24/05/1794		20	B4-fo1.78v.

a) O seu assento de baptismo vem inserido no anterior.

b) Mudaram de nome no baptismo.

QUADRO Nº. 2 : LOCALIDADES DE PROVENIÊNCIA DOS BAPTIZADOS

LOCALIDADES	SÉ	S. NICOLAU	VITÓRIA	TOTAL
Bristol		1	1	2
Carslili	1			1
Cherdin			1	1
Croidon			1	1
Devenshire		1	1	2
Endon (Middlecex)		1		1
Escócia		1		1
Gales		1		1
Hamilton			1	1
Ilon	1			1
Inglaterra		3	3	6
Londres	6	2	3	11
Paool			1	1
Sofoc		1		1
Stanny			1	1
Toram	1			1
Towenten			1	1
York			1	1
Yorkshire (Borou Bridge)		1		1
TOTAIS ....	9	12	15	36

QUADRO Nº. 3 : MEMBROS DO CLERO QUE INTERVEM NOS BAPTISMOS

MEMBROS	SÉ	S. NICOLAU	VITÓRIA
BRETIM, Padre Pedro	B21, fols. 139v., 140		B2, fol. 8v.
BUTLER, Pe. Me. João		B5, fols. 428 428v. B6, fols. 88, 88v. B9, fols. 138v., 139	
DILLON, Fr. Henrique			B2, fol. 169 B2, fol. 175v. B2, fol. 211v. B3, fol. 31. B3, fol. 55v. B3, fol. 125v. B3, fol. 126 B3, fols. 267v., 268 M5, fol. 13v. M5, fols. 69v., 70 M6, fol. 20 M6, fol. 27v. M6, fol. 45v. M6, fol. 53 M6, fol. 104 B4, fol. 78v.
RELLI, Pe. Me. Fr. Francisco		B6, fols. 214v., 215 B6, fols. 219, 219v.	
TALBOTT, Pe. Me. Gabriel	B17, fols. 185, 185v.		



## APÊNDICE DOCUMENTAL

A.D.P., FREGUESIA DA SÉ, *Livro de Baptismo*, Nº.21, 1752-1756, fol.  
158v.

João Nixon que no baptismo ficou João Thomas de São Domingos de idade que disse ser de dezasseis annos; natural da Cidade de Carslili Reyno de Inglaterra, filho legitimo de João Nixon Catholico de nascença e de sua mulher Serafina Nixon Protestante, foi baptizado com licenca do Excellentissimo Senhor Bispo Governador deste Bispado, e de Commissão minha no Convento de Sao Domingos desta Cidade pello Padre Fr. João de São Thomas Prior anual do dito Convento, estando eu prezente juntamente, por morar nesta freguezia na rua dos Caldeireiros, e dipois de ter feito a sua redução por ordem do Tribunal do Santo officio; em seis de Março de mil setecentos e cincoenta e cinco, e forão seus Padrinhos o Muito Reverendo Doutor Joze Pedro Vergolino Acispreste da Cathedral e Provizor deste Bispado, e assistio por elle o Reverendo Thizoureiro mor Alvaro Leyte Pereyra de Lago, e tambem assistio Vicente da Silva da Fonseca Tinete Coronel do Regimento desta Cidade, e de como foi baptizado solememente no sobredito dia seis de Marco, forão testemunhas alem de outras muntas o Reverendo Conigo João Gomes Costa, e o Beneficiado Chrispim da Rocha com os quais asignei, e com os Padrinhos, e o Pe. que de commissão minha baptizou; e por verdade fis este asento era ut supra.

O Pe. Manoel Carvalho de Meyrelles  
Fr. João de Sto. Thomas, Pregador geral e Prior  
Thizoureiro mor Alvaro Leyte Pereira de Lago  
Vicente da Silva da Fonseca  
O Beneficiado Chrispim da Rocha

A.D.P., FREGUESIA DE S. NICOLAU, *Livro de Baptismo*, Nº. 5,  
1743-1756, fols. 428, 428v.

Maria Preston filha legitima de Guilherme Pitts e de sua mulher Rutt Pitts, de presente moradores na Cidade de Londres, e oriundos em Barnich Tunced, Reino de Inglaterra e ella de presente moradora sobre o Muro dos Banhos desta freguesia de Sam Nicolao; neta pela parte Paterna de Gabriel Pitts e de sua mulher Maria Pitts; e pela parte Materna de João Michael, e de sua mulher Joanna Michaela naturalis de sobredito Barnich Reino de Inglaterra todos Protestantes a qual abjurou a seita de Lutero, por ordem dos Illustrissimos e Reverendissimos Senhores Inquizidores da Inquizição de Coimbra; e foi Baptizada sub conditione, pelo Reverendissimo Padre Mestre João Butler da Congregação do Oratorio desta cidade do Porto, aos vinte dous do mes de Junho de mil e setecentos, e sincoenta e seis annos, no Oratorio do Reverendissimo Doutor Provisor deste Bispado Doutor José Pedro Vergolino a qual Baptizada teria de idade pouco mais ou menos vinte e tres annos e a quatro annos que era casada com Guilherme Preston natural do Condado de Lencastre Reino de Inglaterra da mesma seita de Lutero; e forão Padrinhos o mesmo Reverendo Doutor Provisor e Archipreste desta Se e Madrinha D. Anna Felississima Leite Pereira, viuva que ficou de Antonio da Cunha Pimentel, e moradora em Campo Bello freguesia de Villa Nova de Gaya, e forão testemunhas o Reverendo D. Prior de Cedofeita D. José Antonio de Lucena Noronha, e Faro, e o Reverendo Alvaro Leite Pereira do Lago e Vasconcellos Thezoureiro Mor da Sé desta cidade; cujo o Baptismo o fes de minha licenca o dito Reverendo Padre Mestre ao qual assisti de que fis este assento era ut supra.

O Pe. João Butler

O Abbade Sylvestre da Costa Lima

D. Joze Antonio de Lucena Noronha e Faro

Alvaro Leite Pereira do Lago e Vasconcelos

A.D.P., FREGUESIA DE S. NICOLAU, *Livro de Baptismo*, Nº. 6,  
1756-1763, fols. 88, 88v.

Barbara Vallette filha legitima de Paullo Vallette, e de Izabel Vallette da Cidade de Jorhihire em Borou Bridge no Reino de Inglaterra, e moradora na rua nova desta freguesia de Sam Nicolao, foi baptizada sub conditione com meu consentimento e em minha presença na Igreja do Real Recolhimento do Anjo, aos dezoito dias do mes de Agosto de mil e setecentos e sincoenta e oito annos pelo Reverendo Doutor Jozeph Pedro Vergollino Arcipreste da Cathedral desta Cidade; forão Padrinhos Dom Vicente Roque de Sousa dos Condes de Redondo, e Madrinha a Senhora D. Anna Joaquina de Alencastre Moscoso mulher de João de Almada, e Mello governador das Armas desta Cidade. Tem de sua edade vinte e quatro annos, como assim representa e não declarou seus Avos, por se ignorarem observarão-se primeiramente as deligencias determinadas na Constituição do Bispado como tudo consta dos documentos, que ficão em meu poder, com os despachos do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Dom Fr. Antonio de Tavora, e do Reverendissimo Senhor Padre Mestre Provizor Fr. Aurelio de Sancto Thomas A este pio, e solemmissimo acto feito com mais numerozo, e distinto concurso precedêo fazer a mesma Baptizada por ordem da Sancta Inquizição de Coimbra na dita Igreja termo não sô de abjuração dos erros de Luthero, e Calvino e da seita Protestante que seguia; mas tambem da protestação da nossa Sancta fê, nas mãos do Reverendo Lecenciado João Gomes Costa, Conego da Sancta Sé desta Cidade e comissario do Sancto Officio, com assistencia do seu Curador, e Interprete, o Reverendo Padre Mestre João Butler da Congregação do Oratorio, desta Cidade, e Mestre que foi de Theologia na dita caza; de que foi escrivão o Reverendo Padre João Baptista de Carvalho Notario Appostolico de que forão testemunhas o Padre Theodoro Machado Monteiro Coadjutor desta freguesia e o Doutor Joaquim Joseph Ferreira de Carvalho morador na Fonte de Aurina desta freguesia de S. Nicolao de que fis este assento era ut supra; declaro que foi baptizada pelas quatro horas da tarde.

O Abbade Sylvestre da Costa Lima

Doutor Jozeph Pedro Vergolino

Theodoro Machado Monteiro

Joaquim José Ferreira de Carvalho

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) CRUZ, Antônio - *Alguns aspectos das relações da cidade do Porto com a Inglaterra*, "O Tripeiro", Porto, Número especial comemorativo do VI Centenário da Aliança Luso-Britânica, 1973, 14-17;  
- *As relações seculares da cidade do Porto com a Inglaterra*, "O Tripeiro", Nova Série, Vol.III, Nº.5, 1984, 131-138; Nº.6, 1984, 163-169; Cfr. o catálogo *O Porto e a Europa do Renascimento*, Exposição paralela à XVII Exposição europeia de arte, ciência e cultura, Porto, Casa do Infante, 1983.
- PEDREIRA, Jorge Miguel - *Relações entre a Inglaterra e Portugal*, "Dicionário Ilustrado da História de Portugal", Vol. II, s/1, Publicações Alfa, 1985, 151-155;
- 2) *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)* narrada pelo Cruzado Osberno, testemunha presencial. Texto latino e sua tradução para português pelo Dr. José Augusto de Oliveira, Lisboa, S. Industriais da C. M.L., 1935.
- 3) LOPES, Fernão - *Crônica de D. João I*
- 4) CAMÕES, Luis de - *Os Lusíadas*, VI, 52-69.
- 5) TAVARES, Jorge Campos - *A cidade do Porto como cenário do torneio que inspirou a lenda dos "Doze de Inglaterra"*, "O Tripeiro", Nova Série, Vol.IV, Nº.7, 1985, 211-213.
- 6) RUSSELL, Peter Edward - *The English Intervention in Spain & Portugal in the Time of Edward III and Richard II*, Oxford, Clarendon Press 1955.

- 16) BASTO, A. de Magalhães - *As freguesias do Porto em 1583, "O Primeiro de Janeiro"*, Porto, 21/XII/1934; *IDEM - Sumário de Antiguidades*, 2ª edição, Porto, Edições Progredior, 1963, 89-94; BRANDÃO, Domingos de Pinho - *Nôtuas de História Diocesana. II A divisão da freguesia da Sê, em quatro freguesias*, 1583, "Igreja Portucalense", Nº.60, 61, 1981, 47-53; CRUZ, Antônio - *Algumas observações sobre a Vida Econômica e Social da Cidade do Porto nas vésperas de Alcácer Quibir*, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1967, 20-28; FERREIRA, J. Augusto - *Memórias Archeologico-Historicas da Cidade do Porto, Factos Episcopaes e Políticos*, II, Braga, Cruz e Compã. Editores, 1924; SILVA, F. Ribeiro da - *A criação das paróquias de S. Nicolau e de Nã. Snã. da Vitória (1583). Aspectos Socio-Econômicos e Religiosos da época*, Porto, 1984.
- 17) FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues e DIAS, Geraldo J.A. Coelho - *Baptismo de protestantes e proselitismo católico no Porto Setecentista. A freguesia da Vitória, "Humanística e Teologia"*, Porto, T. VI, Fasc. 2, 1985, 199-222.
- 18) MACAULAY, Rose - *They went to Portugal*, 2ª. edição, Middlesex, Penguin Books, 1985, pag. 225, cfr. tradução portuguesa: *Ingleses em Portugal*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1950.
- 19) SANTOS, Eugênio Francisco - *Livro dos assentos dos Noviços da Congregação do Oratório do Porto*, Centro de Estudos Humanísticos, 1970, 46; *IDEM - A Congregação do Oratório do Porto. Subsídios para a sua história*. Porto, 1968 (Dactilografado); *IDEM - O Oratório no Norte de Portugal. Contributo para o estudo da história religiosa e social*. Porto, INIC-Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

- 7) "Vereações", anos de 1390-1395, Porto, Publicações da Câmara Municipal do Porto, 1937; "Vereações", anos de 1401-1449, Ibidem, 1980; cfr. BRANDÃO, Domingos de Pinho - *Teologia, Filosofia na Diocese do Porto nos sêcs. XIV e XV*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1960, 117-118.
- 8) "Vereações", anos de 1401-1444, pp. 86-89.
- 9) FISHER, H.E.S. - *The Portugal Trade. A study of Anglo-Portuguese Commerce 1700-1770*, Londres, 1971; cfr. a tradução portuguesa: *De Methuen a Pombal*, Lisboa, Gradiva, 1984; FERREIRA, J.A. Pinto - *A economia do vinho e o crescimento do Porto nos séculos XVII a XIX*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1983.
- 10) SCHNEIDER, Susan - *O Marquês de Pombal e o vinho do Porto, Dependência e subdesenvolvimento em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980, pag. 29, nota 3.
- 11) *Idem*, pag. 159, nota 3.
- 12) *Idem*, pag. 160, nota 5.
- 13) *Idem*, pag. 133, nota 2.
- 14) SELLERS, Charles - *Oporto, old and new* (being a historical record of the Port Wine and a Tribute to British Commercial Enterprise in the North of Portugal), Londres, Herbert E. Harper, 1899, 75-90; DELAFORCE, John - *Anglicans abroad the history of the Chaplaincy and church of St. James at Oporto*, Londres, 1982; *The Factory House at Oporto*, Londres, Christie's Wine Publications, 1983.
- 15) FREIRE, Anselmo Braamcamp - *Povoação de Entre Douro e Minho no século XVI*, "Arquivo Histórico Português", III, 1-2, 1905, 241-273; JORGE, Ricardo - *Demografia e Higiene na cidade do Porto. I Clima, População, Mortalidade*, Porto, Câmara do Porto, 1889.

20) SANTOS, Eugênio Francisco - *Livro dos assentos*, 29.

21) IBIDEM - 56

